

Maria João Fernandes
Abril '89

Em todos os trabalhos de Paulo Neves sentimos o fascínio da presença viva do diálogo que une o escultor ao seu mundo, que compreendemos melhor ao conhecer o seu habitat, onde se forma a sua escultura, um atelier que é um telhado sobre o horizonte, tão sólido como os troncos que o rodeiam e tão imaterial como o azul que morre na distância e é quase uma lembrança do mar.

Um anjo incompleto domina o interior, meio saído ainda do tronco poderoso que lhe deu origem, no meio da confusão dos instrumentos e das peças que se acumulam e espreitam aqui e ali, com a curiosidade do recém nascido e com o ar de pertencerem irremediavelmente àquele espaço.

À terra e às árvores, às eras e às flores, aos perfumes de verão e ao balouçar das folhas nos dedos do vento.

No jardim crescem as esculturas, entre as flores e as pedras como as árvores.

Uma maternidade azul encosta-se à velha azenha, recolhe os segredos e as colúpias esquecidas de água.